

1

Compare os poemas *Com licença poética* e *Enredo para um tema*, de Adélia Prado.

Com licença poética

Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.
Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.
Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
– dor não é amargura.
Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.

Enredo para um tema

Ele me amava, mas não tinha dote,
só os cabelos pretíssimos e uma beleza
de príncipe de estórias encantadas.
Não tem importância, falou a meu pai,
se é só por isto, espere.
Foi-se com uma bandeira
e juntou ouro pra me comprar três vezes.
Na volta me achou casada com D. Cristóvão.
Estimo que sejam felizes, disse.
O melhor do amor é sua memória, disse meu pai.
Demoraste tanto, que... disse D. Cristóvão.
Só eu não disse nada,
nem antes, nem depois.

- a) Discorra sobre a constituição da imagem feminina em cada um dos poemas. Exemplifique sua argumentação com trechos dos poemas.
- b) Que sentidos são criados pela utilização das reticências no verso “Demoraste tanto, que... disse D. Cristóvão”?
- Explique a função desempenhada pelas reticências para criar essas significações, nesse poema.

QUESTÃO 1 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo: Leitura dos poemas de Adélia Prado, da obra *Bagagem*, e análise da constituição da imagem feminina nos poemas. Recursos gráficos e efeitos de uso: a pontuação como recurso estilístico. Análise da função desempenhada pelo uso das reticências no poema, bem como seu efeito de sentido.

Resposta esperada

- a) Os poemas apresentam imagens femininas bem distintas. O poema *Com licença poética* apresenta uma mulher determinada, decidida, consciente de seu papel em uma sociedade dominada por homens. Trata-se de uma mulher que decide “carregar bandeira”, isto é, que assume postura de mulher-poeta, tarefa difícil em um contexto marcado por grandes poetas, como Manuel Bandeira (“carregar bandeira”) e Carlos Drummond de Andrade (“vai ser coxo na vida”). Apesar disso, essa mulher vai à luta e cumpre sua sina (“Mulher é desdobrável. Eu sou.”). Por outro lado, o poema também mostra um outro lado da mulher, aquela ligada aos laços familiares: casamento, esposa, mãe, filhos, necessidade de alegrias. O poema *Enredo para um tema* mostra uma mulher que foi subjugada pelo sistema machista, que se deixou dobrar. Trata-se de uma mulher que possui uma visão idealizada de casamento: “só os cabelos pretíssimos e uma beleza de príncipe de estórias encantadas.”. Uma mulher impedida de expressar opiniões e sentimentos e decidir seu futuro. Enfim, uma mulher “ainda envergonhada”, como apontada no poema anterior, sem voz: “Só eu não disse nada, nem antes, nem depois.”.

b) O uso das reticências, nesse poema, funciona como um recurso argumentativo. Elas permitem que não se diga no enunciado para se afirmar na enunciação. Se a afirmação não foi, efetivamente, dita, atenua-se a responsabilidade pelo não dito. Em outras palavras, deixam-se informações implícitas no enunciado e essas lacunas de sentidos são preenchidas pelos interlocutores. No poema em questão, várias significações ficam implícitas, dentre elas: “Demoraste tanto que o pai dela aceitou meu dote.”; “Demoraste tanto que ela não pôde esperar.”; “Demoraste tanto que um novo pretendente apareceu.”; “Demoraste tanto que me casei com ela.” etc. Assim, as reticências cumprem um importante papel na constituição dos sentidos dos textos.

Considere a leitura do texto dramático *A farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente.

Aponte traços de semelhança na constituição psicológica e social de Inês Pereira e de seu primeiro marido em relação à questão matrimonial.

QUESTÃO 2 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo: Pressupõe leitura da obra *A farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, para que o candidato apresente semelhanças na constituição psicológica e social das personagens da obra.

Resposta esperada

No início da trama, Inês Pereira quer para marido um homem educado, de boas maneiras, sensível e dado às artes (que saiba tocar viola). Ela não busca marido rico nem bonito:

Inês: Porém, não hei-de casar senão com homem avisado Ainda que pobre e pelado, seja discreto em falar: que assim o tenho assentado. (p.22)

Inês: Que seja homem mal feito, feio, pobre, sem feição; mas se tiver discrição, não lhe quero mais proveito. E saiba tanger viola, mesmo que eu coma pão e cebola, siquer uma cantiguinha! Discreto, feito em farinha, porque isto me degola. (p.33)

Nesse sentido, pode-se dizer que Inês Pereira, no início da trama, tem uma visão idealizada, romântica sobre o casamento.

O primeiro marido de Inês Pereira, Brás da Mata, também conhecido como o escudeiro, apresentou-se a ela com esse perfil:

Escudeiro: – Antes que mais diga agora, Deus vos salve, fresca rosa, e vos dê por minha esposa, por mulher e por senhora. Que bem vejo nesse ar, nesse despejo, mui graciosa donzela, que vós sois, minha alma, aquela que busco e que desejo. Obrou bem a natureza em vos dar tal condição que amais a discrição muito mais que a riqueza. (p.41)

Escudeiro: – Eu não tenho mais de meu somente ser comprador do Marechal meu senhor e sou escudeiro seu. Sei bem ler e muito escrever, e bom jogador de bola; e quanto a tanger viola, logo me ouvireis tanger. (p.42)

Porém, todo esse comportamento de Brás da Mata revela-se como estratégia de manipulação por parte dele para enganá-la. O que ele almeja é seu dote. Após o casamento, Brás da Mata revela-se como um homem rude, agressivo e extremamente machista:

Escudeiro: – Vós cantais, Inês Pereira? Em bodas me andáveis vós? Juro ao corpo de Deus que esta seja a derradeira! Se vos eu vejo cantar, eu vos farei assoviar... (p.53)

Vós não haveis de falar com homem nem mulher que seja; nem somente ir à igreja não vos quero eu deixar. Já vos preguei as janelas, para que vos não ponhais nelas; estareis aqui encerrada, nesta casa tão fechada, como freira de Odivelas. (p.54)

Inês Pereira só passa a ser livre novamente após a morte de seu marido. Agora é preciso encontrar um novo marido. Contudo, é nesse momento que acontece a grande transformação psicológica e social de Inês Pereira em relação à questão matrimonial. Ela não quer mais um marido sensível, educado, de bons modos, amante das artes musicais. Ela quer um marido ingênuo, controlável e manipulável. Então, ela casa-se agora com Pero Marques, um antigo pretendente que fora preterido por ela. Inês Pereira torna-se agora uma pessoa dissimulada, mentirosa, adúltera. Ao agir dessa forma, não se percebe qualquer comportamento de consideração em relação aos sentimentos do seu marido. Ela torna-se fria e calculista.

Com isso, as atitudes de Inês Pereira em relação ao casamento assemelham-se, nesse sentido, ao comportamento de seu primeiro marido, Brás da Mata. Ambos são dissimulados, mentirosos e frios em relação aos sentimentos do companheiro. O casamento não é visto por eles como uma união afetiva entre dois sujeitos, mas como uma estratégia para se alcançar outros objetivos. Nega-se, assim, a visão idealizada e romântica que Inês Pereira tivera no início da trama.

Reponda os itens a seguir.

a) O fragmento, a seguir, é uma reflexão do protagonista Paulo Honório, do romance *São Bernardo*.

A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue que, em parte, ela é dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível.

(RAMOS, G. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2012. p.155.)

A partir do fragmento, discorra sobre o sentido de religião para o protagonista do romance. Refira-se, pelo menos, a uma passagem da obra para ilustrar sua resposta.

b) Considere a citação retirada do conto *A hora e vez de Augusto Matraga* a seguir.

Sou um desgraçado, mãe Quitéria, **mas** o meu dia há-de chegar!

(ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.387.)

Considere, agora, que esse enunciado fosse redigido da seguinte maneira:

O meu dia há-de chegar, **mas** sou um desgraçado, mãe Quitéria!

Explique como os sentidos são diferentes em cada um dos enunciados e qual é o papel desempenhado pela conjunção “mas” na construção desses sentidos.

QUESTÃO 3 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo: Pressupõe leitura da obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. A partir de um fragmento, o candidato irá discorrer sobre o tema “religião”, fortemente discutido na obra. Conjunções e conexões de sentidos. Análise e explicação dos efeitos de sentidos provocados pela mudança de posição da conjunção “mas” em um enunciado de Guimarães Rosa.

Resposta esperada

- a) Em *São Bernardo*, Paulo Honório representa o capitalista insensível, cujas ações são guiadas por valores materialistas que visam a alcançar seus objetivos, sendo o maior deles a posse e a manutenção da Fazenda São Bernardo. Nesse sentido, utiliza-se dos elementos tradicionais do cristianismo, tais como céu e inferno, Deus e diabo, salvação e perdição, como instrumentos de alienação. Por este viés pragmático e utilitário, a religião serve para favorecer e legitimar sua visão particular de justiça: no céu, seus trabalhadores camponeses oprimidos por ele com baixos salários seriam finalmente recompensados, enquanto no inferno o diabo castigaria o ladrão que o lesou com o furto de uma vaca. No contexto do romance, para o protagonista corroído pelos ciúmes em relação à esposa Madalena e pela constatação da ausência de religiosidade nela, a religião também serviria como um freio aos vícios humanos, especialmente o adultério: “mulher sem religião é horrível”.
- b) A conjunção adversativa “mas” desempenha papel fundamental na construção dos sentidos dos dois enunciados. Como se sabe, essa conjunção une proposições de sentidos contrários, adversos. Assim, se a primeira proposição tem sentido positivo, a segunda terá sentido negativo e vice-versa. Com isso, a utilização do “mas” nos enunciados cria sentidos muito distintos. Na primeira proposição (“Sou um desgraçado, mãe Quitéria, **mas** o meu dia há-de chegar!”), a primeira ideia tem valor negativo, e a segunda, positivo. Com isso, cria-se no enunciado o sentido de um futuro melhor do que o presente; uma expectativa positiva em relação à vida. Na segunda proposição (“O meu dia há-de chegar, **mas** sou um desgraçado, mãe Quitéria!”), o sentido é inverso: a primeira ideia tem valor positivo, e a segunda, negativo. Dessa forma, mesmo com um futuro possivelmente melhor do que o presente, a situação negativa presente é reiterada e prevalece. Toda essa criação discursiva só foi possível pela utilização da conjunção adversativa e pela inversão das proposições. Como se percebe, o uso do “mas” foi essencial para a criação dos efeitos de sentidos nos enunciados.

Considere o trecho do conto *A hora e vez de Augusto Matraga*, de Guimarães Rosa.

– Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem homênciã, será que eu posso mesmo entrar no céu?!...

(ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p.385.)

- a) Explique o processo de criação da palavra “homênciã” e os sentidos que derivam da criação do termo, considerando a situação criada no conto.
- b) Discorra sobre como esse uso particular da língua constitui uma estética da criação em Guimarães Rosa.

QUESTÃO 4 – EXPECTATIVA DE RESPOSTA

Conteúdo: Leitura de trecho do conto da obra *Sagarana*, de Guimarães Rosa, para a análise do processo de formação e criação de palavras. Processos de formação de palavras. Características da estética verbal em Guimarães Rosa.

Resposta esperada

- a) O lexema “homênciã” é criado por neologismo, um processo de derivação. Segundo o Houaiss, o neologismo é “1. o emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não; 2. a atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua”.
A palavra em questão não está dicionarizada e é derivada a partir do lexema “homem”. Contudo, seu sentido vai muito além daquele expresso pela palavra homem. Como não existe sinonímia perfeita, a criação do novo termo faz aparecer novos sentidos para o termo derivado. Para se apreender esses novos sentidos, faz-se necessário analisar a ambiência discursiva na qual surge o neologismo. Em outras palavras, é preciso considerar que os sentidos nascem a partir das relações ou associações entre os signos que constituem o texto. Dessa forma, os sentidos da palavra “homênciã” opõem-se a “desonrado”, “desmerecido”, “marcado a ferro feito rês”. Assim, o lexema “homênciã”, no âmbito do fragmento apontado, aproxima-se semanticamente de “pessoa honrada, que se destaca pelo mérito de suas ações e que não se deixa submeter ao outro”.
- b) Uma das características mais marcantes em Guimarães Rosa é a utilização da linguagem. Rosa não se submete à padronização linguística estabelecida pela Gramática Normativa. Em relação ao léxico, ele incorpora em seus contos marcas da linguagem regional, cria novos termos e recria novos sentidos para palavras já existentes na Língua Portuguesa. Ao criar o termo “homênciã”, no fragmento anterior, Rosa coloca o leitor em uma postura ativa diante do texto, já que exige dele a reconstrução dos sentidos do neologismo. Com isso, para aferir o sentido de “homênciã”, será preciso resgatar, ao longo da narrativa, a imagem do homem sertanejo, que está profundamente ligado ao sertão. Assim, Rosa, ao criar a palavra “homênciã”, nesse fragmento, faz surgir um homem em conflito consigo mesmo, um homem cindido, caracterizado por dois mundos: o divino e o mundano. Dessa antítese, surge um homem fortemente marcado pela religiosidade, pela conduta moral, um homem modalizado por perturbações interiores (em relação à religião – no âmbito do fragmento). Rosa mostra, pois, um homem angustiado, marcado por preocupações metafísicas. Com isso, as questões regionais assumem proporções universais. Como diria Rosa, “o sertão é dentro da gente”. Rosa, opondo-se àquela literatura que via o sertanejo de maneira preconceituosa, valoriza a imagem do homem sertanejo.